

# 'IB

*Os Cem Anos da Ferrovia  
Curitiba - Paranaguá*

*Pág. 2*

*Londrina,  
O Melhor Começa Agora*

*Pág. 18*

*CURITIBA Nº 49*

*Dorival Caymmi  
e o Jeito Baiano de Viver*

*Pág. 14*

*A Pimenta-do-Reino  
no Pará*

*Pág. 25*

*FEV. 1985*



**IB - Informativo Bamerindus** - Publicação Trimestral do Grupo Bamerindus  
Coordenadoria de Marketing e Comunicação Social - Filiado à Aberje - **Editor:** Fernandino  
Caldeira de Andrada - **Coordenador Editorial:** Eloi Zanetti - **Jornalista Responsável:**  
Clecio Vargas de Oliveira (1.149 MT/DRT/PR) - **Diagramação e Arte Final:** Sirlei Bassan  
**Produção Gráfica:** Rosevil Afonso Aleixo e José Renato de Andrade  
**Impressão:** Impressora Ipiranga S/A - Distribuição Interna - Correspondência para  
Rua Mauá, 1.133, Curitiba, Paraná, 80.000.

C            A            P            A

---

O CENTENÁRIO DA FERROVIA  
CURITIBA/PARANAGUÁ

---

*Cem anos depois, a velha Maria Fumaça volta a correr pelos trilhos da Estrada de Ferro Curitiba/Paranaguá. São as comemorações do Centenário da única ligação férrea entre a capital e o litoral do Paraná, construída sobre a Serra do Mar, uma obra considerada arrojada para a sua época e insuperada até hoje. Um monumento à capacidade e à bravura de homens que, com o seu trabalho e persistência, conseguiram fazer com que aquilo que era tido como um sonho grandioso se tornasse realidade.*

Capa: Foto Paulo Milano

---

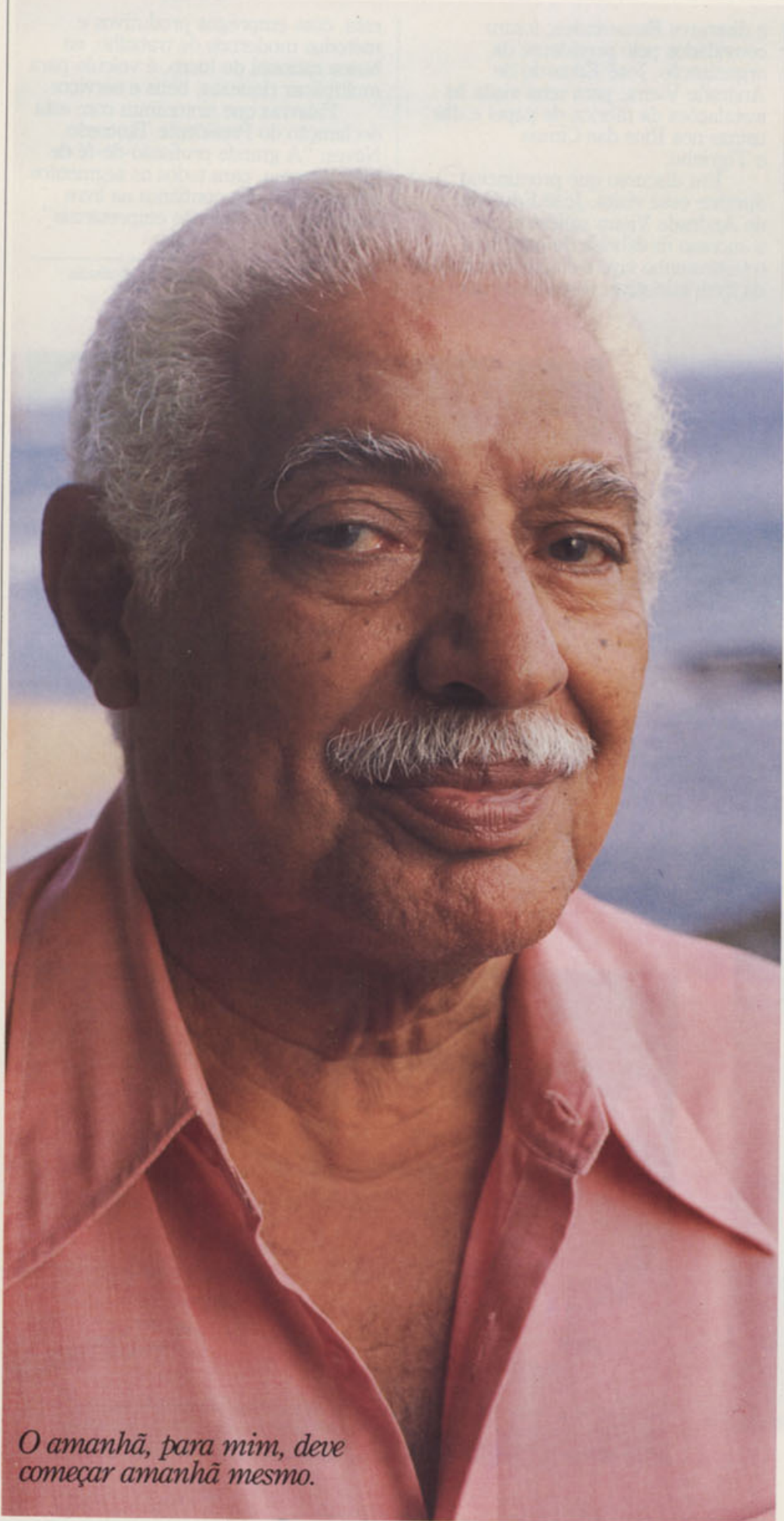
---

**ÍNDICE**

---

---

TÍTULO	PÁG.
<i>Editorial</i>	1
<i>Ferrovia Curitiba-Paranaguá</i>	2
<i>A Longa Jornada</i>	6
<i>Encontro Semestral</i>	9
<i>Impazel</i>	12
<i>Dorival Caymmi</i>	14
<i>O Tamarindo de Augusto dos Anjos</i>	17
<i>Londrina: o Melhor Começa Agora</i>	18
<i>Inseminação Artificial</i>	22
<i>A Agropecuária Lagoa da Serra</i>	24
<i>A Pimenta-do-Remo no Paraná</i>	25
<i>Perfil, Empresas e Empresários Hoje</i>	28
<i>Em Resto: As Notícias do Bamerindus</i>	31



# DORIVAL CAYMMI

O jeito baiano  
de viver.

“Então, em 37, me bateu aquele estalo de que eu devia sair de São Salvador. Tava admirado porque tinha ganho um concurso de escrivão da Coletoria, há um ano, e não tinha sido nomeado. Pedi dinheiro a papai, pedi licença a mamãe, pedi muito carinhosamente, falei com meus amigos, e fui pro Rio só com meus estudos de primeiro ano de ginásio...”

*Peguei um Ita no Norte  
Pra vim pro Rio morá  
Adeus meu pai, minha mãe  
Adeus Belém do Pará...*

“E no Rio, na pensão dos estudantes, eu comecei a fazer um plano para estudar Direito. Era uma idéia, um plano...”

“Lá, senti muito a ausência de papai, de mamãe, meus irmãos e tal, a vida na minha rua. Tudo para mim representava uma saudade enorme. Mas eu reagi e descobri uma liberdade também, um espaço que estava sendo meu sozinho...”

*Ai, ai que saudade  
Eu tenho da Bahia  
Ai, se eu escutasse o que mamãe  
dizia...*

*O amanhã, para mim, deve  
começar amanhã mesmo.*

“Eu tinha nessa época 24 anos. Aí, conheci vários amigos: Jorge Amado, Carlos Lacerda, Remi Fonseca, Samuël Wainer e muitos outros. Toda aquela gente, mais Graciliano Ramos, José Lins do Rego, era desta época e da Livraria José Olympio, na rua do Ouvidor. Tudo isto era o centro do Rio de Janeiro. Pois bem, então eu fui deixando aquela idéia de estudar, porque estava sendo absorvido pela música...”

“E, afinal de contas, acabei com o violão num estúdio de rádio. Eu comecei na Rádio Tupi, numa noite de São João. Tudo por ação de amigos que diziam assim: ‘Ouve esse rapaz, ouve esse rapaz’. Eu entrei, cantei e fiquei contratado. Cantei a música ‘Noite de temporal’.”

*É noite  
É noite  
É lamba é  
É lambaio  
Pescador não vá prá pesca  
Pescador não vá pescá...  
Pescador não vá pra pesca  
Que é noite de temporal...*

“Então, eu fui terminando outras canções que tinha começado na Bahia e, no meio disso tudo, foi aparecendo ‘O mar, quando quebra na areia, é bonito, é bonito...’, ou ‘O que é que a baiana tem...’”

“Tudo isso foi uma coisa trazida da Bahia, muito ligada a São Salvador.”

“Eu saí assim do anonimato para o convívio do melhor, da fina flor da música popular brasileira. Naquela época, os melhores eram Francisco Alves, Orlando Silva, Sílvia Caldas e Carlos Galhardo. Depois, Carmem Miranda, Araci de Almeida, Odete Amaral.”

“Eu fui cantando, participando de fita de cinema, entrei em cenas de musicais de teatro. E fui. Dentro da possibilidade de propaganda da época, tudo se fazia, mas a repercussão era mínima pelo Brasil. Naquele tempo, não tínhamos recursos. As revistas e o próprio rádio é que nos levavam um pouco mais adiante.”

*“O que é que a baiana tem?  
Que é que a baiana tem?  
Tem torço de seda tem!  
Tem brincos de ouro tem!...  
Como ela requebra bem...”*

“Aí, me veio um grande prêmio. Eu descobri Stella, minha mulher, uma cantora que cantava samba-canções. E, nos anos 60, veio Stella Teresa e eu passei a ser avô.”

*É tão tarde, a noite já vem.  
Todos dormem, a noite também  
Só eu velo, por você, meu bem  
Dorme, anjo, o boi pega neném.*

*Boi, boi, boi,  
Boi da cara preta  
Pegue essa menina  
Que tem medo de careta...*

“Começa, então, um grande amor. O amor pelo Rio de Janeiro. E foi lá que eu descobri os meus valores, os valores em mim. Eu descobri que dentro de mim havia uma Bahia muito mais intensa, muito mais do que uma simples recordação. Eu sei que a Bahia foi surgindo em mim não como um rótulo, como uma propaganda: ‘eu sou da Bahia’. Não, apenas eu me via muito calçado com as coisas que aprendi nos meus 24 anos de vivência em São Salvador.”

“A vida de rua da Bahia era uma vida aberta, bonita, comunicativa. Hoje, temos ruídos; antigamente, havia sons, havia comunicação. As pessoas falavam-se de um lado para outro, na rua, com muita graça.”

*Eu acordo sempre em meu bairro  
Ao som desta doce canção.  
Mercadores de peixe,  
De frutas,  
De flores  
De bolas de cores berrantes  
Que parecem notas vibrantes  
Distantes  
De uma melodia...*

“Assim, isso ficou de tal modo dentro de mim, que foi me estruturando uma postura de artista popular que deveria manter sua linha. Mantendo em mim um homem capaz de andar pelo mundo levando no coração e na mente os ensinamentos da terra e da gente da minha terra, da minha família e de outras pessoas em geral: do povo.”

“O jeito baiano de viver. Tirando por mim, eu lhe digo, sinceramente, eu tenho um jeito baiano no meu comportamento. Eu tenho investigado, tenho feito comparações com outras pessoas, com outros estaduanos, e cheguei à conclusão de que eu sou preguiçoso. E gozo dessa fama há muito tempo. Eles diziam: Caymmi é preguiçoso. Aqui na Bahia já me tinham como preguiçoso e no Rio continuou. Lá, eles falam que eu já nasci sentado.”

“‘Caymmi, você tem um pente aí?’ eles perguntavam. E eles mesmos respondiam: ‘o Caymmi já veio penteado da Bahia.’ Tudo meu, realmente, era baseado nisso.

Por exemplo: ‘Caymmi, você não vai ensaiar? O pessoal já subiu’. Eu dizia: ‘eu já vim ensaiado da Bahia’.”

*Se a noite é de lua  
A vontade é contar mentira  
É se espreguiçar...  
Deitar na areia da praia  
Que acaba onde a vista não pode  
alcançar...*

“Agora, na verdade, eu tenho um grande poder de contemplação e disso não abro mão, porque eu sou um camarada que posso gastar meu tempo andando por matos, por beira de mar, falando sozinho. Posso estar na Avenida Rio Branco, no Rio, ou na Avenida São João, em São Paulo, como já aconteceu, batendo papo comigo mesmo, na madrugada. Num tempo em que não se corria o risco de um assalto.”

“Por trás da contemplação, desse despertar dos sentidos, dessa preguiça, o sujeito observa muito, aprende. O que tem que aprender com os livros, aprende também com a natureza, com os hábitos, com a tradição. Aqui, sempre houve a vantagem do grande respeito à tradição oral. O que o mais velho falou, fica, porque pode servir para outro. Da forma mais negra possível, na forma mais oriental possível, na forma mais arcaica possível. É uma tradição que também os europeus tiveram quando vieram para cá...”

“...Um dia só passa apressado para quem não cuida dele.”

“Você vê, o dia é longo, um dia bonito, bem aproveitado, ele é longo. De noite você diz: ‘eu estou com as pernas cansadas, porque fiz tanta coisa hoje’. Isso tudo com muita lentidão, com muita calma. Isso é o meu jeito, o jeito baiano de ser. O amanhã, para mim, deve começar amanhã mesmo. Eu, como sempre fui muito fiel a esta maneira, a esse amor gostoso, meloso e essa coisa pela minha terra, pelas pessoas, essa fraternidade boa de rua, tive sempre o sossego de estar vivendo bem em qualquer terra, sem precisar de ambição, de pensar em coisas além do que já tinha.”

*E assim adormece esse homem  
Que nunca precisa dormir  
Pra sonhar,  
Porque não há sonho mais lindo  
Do que sua terra,  
Não há...*

“Então, eu sou um camarada que aprecia as comidas, sem ser um glutão. Nada melhor do que ser apreciador da comida da minha terra: aquelas muquecas daqui, toda essa gama de comida de azeite, xinxim de galinha, xinxim de carne seca, muqueca de peixe, muqueca de ostras, escaldado de xaréu, os peixes mais variados, um feijão de azeite pra acompanhar. Esta comida baiana é sempre um deleite para quem gosta de cultivar o paladar. Eu descobri um tempo, em mim mesmo, que para apreciar bem a comida de qualquer parte do mundo, é preciso não ser guloso. Guloso no sentido do sujeito que gosta, não no sentido do sujeito que se empanturra, confundindo o encher a barriga com o saborear a comida.”

“A nossa comida é preciso comer em estado de graça, comer com o paladar atento, os sentidos ligados. Essa é uma maneira baiana de ser, não está só em mim, é da minha terra, é do meu povo.”

*Quem quisé vatapá - ô  
Que procure fazê:  
Primeiro o fubá,  
Depois o dendê,  
Procure uma nega baiana - ô  
Que saiba mexê  
Que saiba mexê  
Que saiba mexê...*

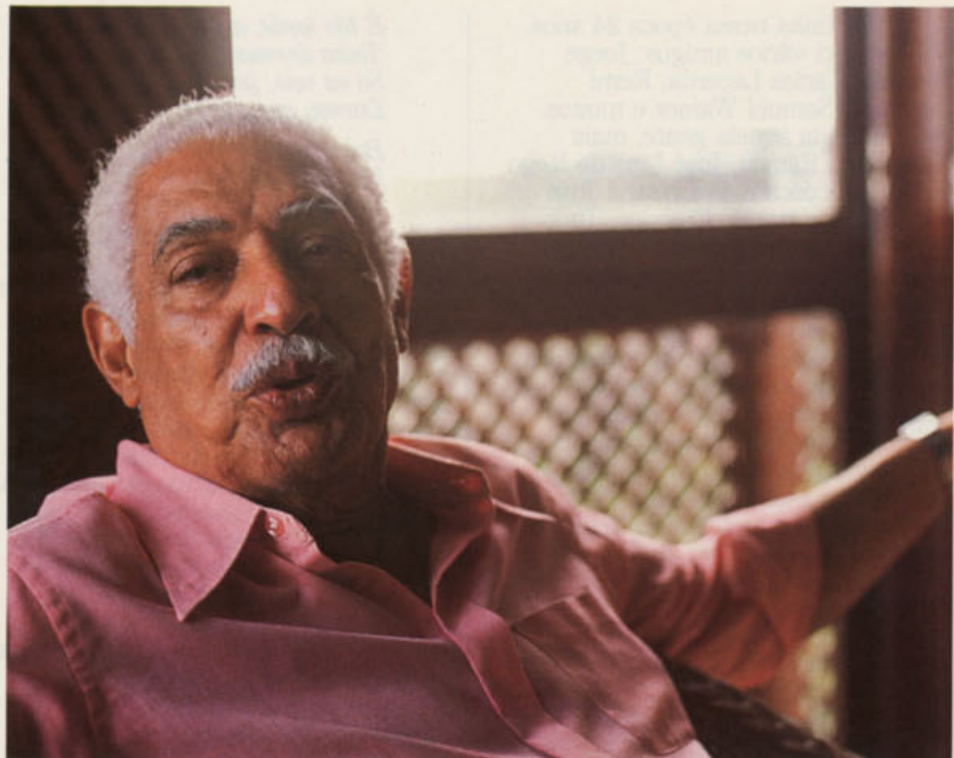
“Então, a gente passa o dia pensando em festas. Eu, por exemplo, se pudesse - contrariando até a minha época - refazia todo esse calendário, pra todo dia ter feriado, dia santo, como sempre foi aqui na Bahia...”

“...Isto é um modo de ser nosso. A comunicação é uma porta aberta, nos dias de festas populares a casa aberta, sem medo de que ninguém violasse e desrespeitasse sua casa. Só isso é um jeito baiano de viver maravilhoso.”

*...Meu Senhor dos Navegantes  
Venha me Valê!  
Meu Senhor dos Navegantes  
Venha me Valê!*

*A Conceição da praia  
Está embandeirada  
De tudo quanto é canto  
Minha gente vem.  
De toda parte vem um 'Baticum'  
de samba...*

“O lado religioso é que, na Bahia, cabe exatamente num tempero onde todas as crenças misturadas dão o que daria uma comida de origem africana, com um toque português, uma pitada



índia. Eu sei que o negócio dá uma comida baiana que tem seu valor. A religião também. O sujeito vai ao Bonfim, se revela devoto absoluto e faz promessas ao Senhor do Bonfim, aos santos católicos e tal, Filho de Deus, Jesus crucificado, mas ele está transferindo sua fé, porque precisou fazer isto durante a perseguição à religião negra, durante a escravidão. Ele então procurou misturar, esconder os seus santos atrás dos santos do patrão. Então, você vê que ficou uma situação mais ou menos cômoda, e que cabe misturar tudo isso”.

*Dia 2  
De fevereiro  
Dia de festa no mar  
Eu quero ser o primeiro  
Pra saldar Yemanjá...*

“Não fui de briga. A briga existe, mas não dá em nada. Passei muito carnaval na Bahia e com as brigas. No carnaval tem uns cacetes assim, eu ganhei uns por aí, também dei.

*João Valentão  
É brigão.  
Pra dar bofetão,  
Não presta atenção  
E nem pensa na vida.  
A todos João intimidada;  
Faz cousa que até Deus duvida;  
Mas, tem seu momento na vida...*

“Eu admito que o homem seja um animal de grupo, mas não para ficar numa favela, na dependência

de um grupo mais abonado e que deixa as migalhas pra eles. É uma sociedade desequilibrada, mal dividida. Negócio muito mal bolado. Todos nós precisamos de espaço. Olha o tamanho desse país, meu Deus!...”

“...No Rio de Janeiro, nós estamos correndo um risco muito grande, de perder a anedota, de perder o espírito de galhofeiro, que já foi muito mais avançado. Mas na Bahia eu noto que ainda se mantém aquela galhofa, aquele deboche. Ninguém está preocupado com certas coisas que você não vai resolver, solucionar. Você descontrai e diz assim: ‘quando eu cheguei, isso já estava aí, então...’; ‘se não aparecer o dono a gente leva’. Eu acho que a vida deve ser levada assim. O ócio é uma necessidade. Assim como se cultiva o lazer, uma necessidade...”

“...A alegria baiana e do povo brasileiro não morre assim, tão facilmente não...”

*O samba da minha terra  
Deixa a gente mole  
Quando se canta  
Todo mundo bole*

*Quem não gosta de samba  
Bom sujeito não é  
É ruim da cabeça  
Ou doente do pé*

*Eu nasci com o samba  
No samba me criei  
E do danado do samba  
Nunca me separei.*